

ESTE É OU NÃO UM TEXTO DE FILOSOFIA? NÓS E TU: PARA ALÉM DOS CÂNONES

IS THIS A PHILOSOPHY TEXT OR NOT? US AND YOU: BEYOND THE CANONS

Hugo Allan Matos

Doutorando em Filosofia na Universidade Federal do ABC, bolsista CAPES. Membro da Associação de Filosofia e Libertação (AFYL). E-mail par contato: hugo.allan@gmail.com

RESUMO:

Quem ou que instituição pode definir o que é filosofia? Em perspectiva descolonial ainda é necessária a filosofia ou ela é apenas mecanismo da tradição ocidental e por trazer consigo as totalidades desta cultura devemos desprezá-la e buscar outros nomes e jeitos pelos quais algo semelhante a isso que a cultura ocidental chama de filosofia foi realizada em outras culturas em perspectivas libertadoras? O que significa hoje, começo de séc. XXI, fazer filosofia no Brasil? Estas e outras questões perpassam este texto que poderá ser considerado ou não acadêmico ou filosófico dependendo da sensibilidade e razão de quem o lê e com ele dialoga. Um caminhar sobre uma corda – sempre bamba - perpassando nós que se relacionam complexamente alimentando fluxos que nutrem complexas redes de comunidades. O Tu aparece sempre evidentemente como obstáculo. Os nós, são sempre o que percebemos? Eis um

necessário confrontar à ontologia desde uma ética áltera, de libertação.

PALAVRAS-CHAVE:

Filosofia. Perspectiva descolonial. Ética da libertação.

ABSTRACT:

Who or what institution can define what philosophy is? In a decolonial perspective is philosophy still necessary or is it only a mechanism of the Western tradition and because it the totalities of this culture, we should despise it and look for other names and ways names and ways in which something similar to what the Western culture calls philosophy was philosophy has been realized in other cultures in liberating perspectives? What does means today, at the beginning of the 21st century, to do philosophy in Brazil? These and other questions These and other questions

permeate this text, which may or may not be considered academic or philosophical depending on the sensibility and reason of those who read and dialogue with it. A Walk on a rope - always tightrope - crossing knots that are related, complexly complexly feeding flows that nourish complex networks of communities. The You always appears evidently as an obstacle. The knots are always what we we perceive? Here is a necessary confrontation with ontology from an altered ethics of liberation.

KEYWORDS:

Philosophy. Decolonial perspective.
Liberation ethics.

1 RAZÃO ORNAMENTAL: ESCRITÓRIOS EPISTEMOLÓGICOS QUE DETERMINAM E DEFENDEM CÂNONES

Como deve ser escrito um texto de filosofia? Esta não é uma pergunta retórica, já que uma lida minimamente atenta a textos da História da Filosofia Ocidental, nos permitiria uma conclusão: não há padrões. Talvez em alguns grupos de filósofos haja similaridades. No máximo. Mas convenhamos que filósofo é um animal solitário, carrancudo geralmente e pouco amável, salvo exceções. Estas características, contudo, não impedem que haja textos coletivos e muito humorados, amáveis, o que não quer dizer necessariamente que filósofos amáveis tenham existido. Sim, Filósofos. Ou você acha que existiram mulheres na história da filosofia ocidental? Talvez sim. E se procurarmos bem e estudarmos o contexto histórico da espécie, talvez até filósofos bem-humorados. Mas onde se escondem? Principalmente as mulheres? Hoje até conseguimos reconhecer Montaigne filósofo. Mas o texto que ele retoma de Plutarco, no qual ele trata das pessoas com flatulências, este não é filosófico. Definitivamente. Ou pode ser? Já que Montaigne o resgatou? Mas só porque este, hoje estimado filósofo, o fez? Que confusão! Não seria melhor, então, voltarmos a não considerar filósofo, já que este ousou filosofar em língua vernácula, o que em sua época era inadmissível! Quem pode responder à questão: como deve ser escrito um texto de filosofia? Quais os critérios utilizados para isso?

Existem diversos textos metodológico-filosóficos que ousam responder a

esta questão. Uns contradizendo aos outros. Com perspectivas diferentes. E alguns, especificamente além de dizer o que é um texto de filosofia, ousam dizer o que não é um texto de filosofia. Buscando, obviamente, fundar seus argumentos na tradição filosófica, autores rigorosamente escolhidos com a finalidade única de sustentar aquilo que se pretende. O formato autor-data, ajuda o tecnicismo da carteirada, ou seja, usar autores consagrados da tradição para dar validade aquilo que está escrito. E então, o texto se torna interpretação do que fora dito na tradição, com no máximo alguma atualização. Mas mantendo o sentido. A filosofia da mesmidade. Da totalidade. Contra toda alteridade possível, para fazer valer e atualizar perenemente à lógica clássica, tal qual sistematizada por Aristóteles, com a finalidade consciente ou não de excluir o terceiro (outro). Como muitos religiosos fazem com seus livros e tradições, igualmente milenares e nas quais encontra-se fundamento para qualquer tipo de vaidade. Um deles, inclusive diz: "Vaidade das vaidades, no fim é tudo vaidade!" não se importe em conferir se são exatamente estas as palavras bíblicas, as aspas aqui se contentam em preservar um sentido próximo ao original. Muitos filósofos ocidentais além de dizer o que não é filosofia, dizem quem pode ou não filosofar. Isso, você já ouviu afirmação próxima à: "os latino-americanos, africanos e asiáticos não possuem asas metafísicas"? Esta afirmação e afirmações como esta foram realizadas no decorrer de toda a história da filosofia ocidental, especialmente a moderna. Talvez porque as asas metafísicas nos levam a Deus. Um Deus bem específico, às vezes com nome de Uno, Bem...não importa, pois

são dignos D'Ele apenas alguns poucos seres humanos. Sim, filósofos principalmente, por mérito. Dos Gregos à Habermas. Pois, é, Habermas adquire um status bem peculiar nesta história, já que ele pertence a uma escola filosófica com a qual sua filosofia nada têm em comum, além de carregar um eurocentrismo pesado, em pleno Séc. XXI – Por favor, as rimas aqui são acidentais, influência do Ritmo e Poesia – espero que você esteja aproveitando.

Talvez começar um parágrafo com uma negativa seja logicamente ruim, então afirmo isso. Mas o que queria mesmo dizer é que geralmente a defesa de tipos de textos filosóficos trazem consigo um ranço, um peso, algo que se tornou quase fatalidade em alguns tipos do que chamam de filosofia. Um colonialismo cultural exacerbado, parece obrigar a determinados ritos e feitos e formas... que sustentam à razão ornamental. Ornamentos, enfeites, aparências, vaidades... Das fotos de sujeitos performando pensar, claro, geralmente, em terno e gravata ficam mais bonitas, até peculiaridades na forma professoral de ser e comportar-se frente a estudantes e a seus colegas, sempre inferiores, professores, já que “todas as ciências são filhas da filosofia”. Uma arrogância consciente, carregada de cinismos e ceticismos situacionais, determinam rígidas formas de escrever filosofia. Um escândalo não ler em uma apresentação filosófica! Então, filosofia é escrita e só. Nos últimos anos há uma atualização neste ponto é verdade, inclusive vídeos no youtube – antecederam à pandemia – com maior expressividade e nela se multiplicaram, já que coitados dos estudantes, não sabem nem ler e interpretar

um texto comum, quanto mais a filosofia! Há de fato, a tentativa de facilitar. Inclusive nas aulas. Ler o primeiro capítulo? Não precisa, contente-se com o prefácio. Durante o ano todo. Trabalhos finais? Não lerei, escolherei melhores alunos para corrigir para mim, assim aprendem a ser professores. O TCC, se prepare! E o rito da banca marcará sua passagem, mas mesmo que eu tenha te orientado durante 2 anos ou mais, na banca preciso humilhar-te para mostrar minha superioridade. E sim, voltando ao que é escrever um texto de filosofia na razão ornamental. Coincide com fazer filosofia. E fazer filosofia ainda é hegemonicamente interpretar texto filosófico. Dizer o que disseram os autores. Saber articular as ideias deles. No doutorado talvez você alcance alguma originalidade, talvez você conquiste uma asa metafísica, nunca as duas, pois só seu orientador e já doutores podem ter duas asas se fizerem tudo segundo à razão.

Assim, que se escorre uma questão: o que devemos aprender em um curso de graduação, pós-graduação ou mesmo na educação básica nas aulas de filosofia? Sempre, inevitavelmente, deve-se começar pelos clássicos. Quem são? Quem os escolhe? Sob quais critérios? Não importa. Este tipo de discussão ainda não é permitido. Pelo menos, não de verdade. Aparentemente, quem vai negar discuti-las? Mas só um, no máximo dois representantes discentes, estudantes, reúnem as questões da turma e levam-nas à coordenação ou professor regente, para que este responda, por escrito. Quando muito a questão chega à coordenação pedagógica ou numa reunião de colegiado – especialmente se há estudantes presentes – e com categoria, a

aprendida nos anos de performance filosófica, há um consenso generalizado nas posturas. Dificilmente se encontra dissonância, ainda que 3 ou 4 professores, de 15, em sala de aula com estudantes, mostre-se sensível e até mostre defender à causa e aconselha que levem para as “instâncias competentes”. “O silêncio que precede o esporro”. Argumentações simplórias – com aquela intenção de facilitar à compreensão dos estudantes, coitados – em um teachersplaining – neologismo estrangeirista? - é mais ou menos caracterizada a importância de aprender com os clássicos, com a forma e conteúdo da escrita deles, ainda que se fique só nos prefácios e introduções frequentemente escritas por um editorial e não pelos filósofos mesmos. E nem pense em perguntar por que de 15 professores, no último ano da graduação de filosofia, em todas as disciplinas não passaram de 5 filósofos. Porque sim, estes são os essenciais, com eles você poderá ter acesso – ser capaz de - a todos os outros.

Assim se faz o cânone. De colonialismos e da razão ornamental. Sua formação é garantida de um consenso entre os docentes, professores, responsáveis, instâncias competentes, mesmo quando é colocado por um só professor que responde por ele mesmo na escola. É assim que ele aprendeu dos escritórios epistemológicos – filósofos ou grupo de filósofos que se ocupam em ficar escrevendo sobre o que não é filosofia - e é assim que repassa. A repetição acrítica de determinadas ideias de determinados filósofos escolhidas previamente ao contato com a turma de estudantes. Sem possibilidade alguma de que estes e estas tragam qualquer questão

ou sugestões que interfira neste sagrado cânone.

2 O DESCOLONIALISMO, DECOLONIAL, CONTRA-CANÔNICO, ULTRA-NÃO-OCIDENTAL, POVÃO- REFLEXIVO, DE LIBERTAÇÃO.. VAMO TOMA TUDO! NÃO, PERA?!

Há nos últimos anos evidente movimentação decolonial na filosofia – e cultura – brasileira. Aliás, a popularização e aceitação hegemônica do termo filosofia brasileira não data de mais que dez anos.

Ainda que as fontes das teorias decoloniais mais lidas, em geral venham em língua inglesa, alemã, espanhola...e mais recentemente até iorubá, guarani, iucateque, bengali...e um novo mercado editorial ávido em lucrar se apresse em traduzir autores, autoras, autoraes – agora sim, há reforço de escrever em gênero não binário - deste nicho de mercado.

Para além disso, inegavelmente um avanço epistemológico põe em crítica à razão ornamental. Jovens entram na graduação em filosofia, querendo estudar filosofia brasileira, latino-americana, feminista, africana, intercultural...

O Cânone é colocado em questão por estudantes, questionamento este engolido por grande parte de professores, alguns quededicaram suas vidas por mais de 30 anos estudando Kant, agora veem-se envergonhados em falar sobre ele e não falar do racismo estrutural de sua filosofia. Mulheres que sempre estudaram algum filósofo eurocêntrico, misógino, patriarcal – não pensei em Nietzsche e o quanto muitas professoras de filosofia que conheço gostam de sua filosofia – agora começam a

dar aulas sobre feminismo e feministas. Professores que já publicaram artigos contra o ridículo termo: filosofia brasileira, agora dão aula sobre filosofia no Brasil – isso, não é a mesma coisa, mas ajuda, não?-

Não seria irresponsável a ponto de não reconhecer que estes são avanços importantes, que estão possibilitando um giro epistemológico, que nos permite questões que sempre nos foram negadas. Importantíssimos movimentos filosóficos de mulheres, que estudam mulheres. De pessoas negras, que estudam filósofos e filósofas negres. De indígenas que escrevem o pensamento de seus povos. Evidente que ainda nos falta muito para que estas filosofias formem novos cânones, mas tudo indica que este é o caminho. Que estas filosofias que saíram da marginalidade, conquistem à hegemonia. E depois?

Não é raro, infelizmente, lermos, ouvirmos e assistirmos a performances filosóficas nestas outras abordagens filosóficas que estão se formando grupos específicos quais estão aos poucos hegemonizando-se e centralizando-se em tipos específicos de filosofias e filósofos. Se por um lado é um avanço inegável da filosofia sob formas plurais e não mais só escrita e mesmo escritas diferentes ao que se espera de um texto de filosofia, como esta que estou aqui tecendo, por outro lado, os convincentes e muitas vezes necessários argumentos que justificam estes movimentos, em muito se parecem com os da razão ornamental-ocidental.

Talvez por serem muito novos movimentos e epistemologias ainda não tenham tido o tempo necessário de

maturação, mas não faltam atores e atoras que apressam a saída da marginalidade e conquista de novas hegemonias.

Toda hegemonia traz consigo responsabilidades e dificuldades. Porque à margem destas já se formam alteridades. O apressamento sem o necessário maturamento, pode eliminar o que ainda não nasceu. Parece que opera, nas sombras, a razão ornamental ocidental que ao deixar de apresentar-se como era, vestiu-se com as exóticas roupagens que lhe está conquistando a hegemonia, mas não por completo. O falar sobre, lecionar sobre, nunca será o mesmo que filosofar. Quem dá aula sobre, não importa o conteúdo, pode dar aula sobre qualquer coisa. Não, pera. – Expressão popular comumente utilizada para reconhecer instantaneamente algo equivocado -.

E inevitavelmente, você bem percebeu, que aqui instauo um escritório epistemológico – equivalente ao que critiquei na seção anterior. E me remeto à necessidade de defender que estas outras epistemologias, críticas à filosofia ocidental, que caminham a serem hegemônicas e formar novos cânones, para que se sustentem e ganhem o status filosófico almejado, necessitaram defender-se das críticas velhas e novas, na posição de hegemônicas. O problema é que com poucas décadas de existência, ao passo que a tradição ocidental se concretizou por milênios. Queremos novos cânones? Queremos ainda a filosofia? O que querem estas novas epistemologias descoloniais? Podemos colocá-las todas nesta categoria?

3 NÓS-TU

Penso que um aspecto fundamental que permita uma melhor gestação e arquitetônica destas novas epistemologias é a busca por um verdadeiro diálogo plural filosófico. Busca esta que desde a exterioridade – e pertencendo nesta como estratégia epistemológica – respeite à história da filosofia ocidental, talvez como o escravo que respeita a teu senhor, mesmo sabendo que não há senhoridade possível e pronto para colocar-se em processo de libertação na primeira oportunidade, mas cuidadoso porque se der errado, sua vida estará em risco.

O que aqui estou chamando de outras epistemologias, quero trazer uma infinidade de movimentos teóricos e práticos, dos quais posso denominar alguns para que tenhamos uma ideia: filosofia feminista descolonial, feminismo de libertação, feminismo comunitário, filosofias indígenas, pensamentos indígenas – que não mais querem afirmar-se como filosofia para escapar do nome ocidental-, filosofia africano-brasileira de libertação, filosofia africana, filosofias interculturais... com rigor não há a possibilidade de homogeneizar todas estas numa categoria única, como a descolonial. Mas, para fim pedagógico é que aqui o estamos fazendo. Entretanto, o que é fundamental pensar é: queremos reformar o estudo de filosofia no Brasil? Criar cânones, novas hegemonias, que permitam que estas epistemologias sejam divulgadas e estudadas com amplitude e em sua profundidade e complexidade? Queremos tomar tudo?

Não há boa hegemonia, não há boa totalidade, não há ontologia possível. A

possível resposta à pergunta ‘o que é a filosofia?’ em perspectiva de libertação é a resposta que devolve a pergunta a quem a faz por saber-se fora dessa lógica. O campo da ontologia, que busca responder o que são as coisas, fora superado pelos campos da filosofia da libertação. A marca fundamental da filosofia ocidental que trazia seus principais mecanismos de domínio, opressão, exclusão...era a ontologia. Mas, mesmo o campo da filosofia da libertação no Brasil parece ainda não ter bem compreendido e aplicado isso à sua práxis filosófica. Impõe-se a necessidade de falar sobre, performar como, reproduzir autores x ou y em vez de a ou b. Estudar idiomas h ou i em vez de c,d e f. Como que uma síndrome de Estocolmo estamos em vias de – e portanto ainda não concretizamos estas práticas e isso justifica um texto como este, a princípio – repetir o que passamos décadas criticando.

Por diversos motivos, mas a máxima de que quando não temos uma educação libertadora a vontade do oprimido é tornar-se opressor ou algo assim. A questão é que já produzimos também muita coisa libertadora e não precisamos ceder à tendência da totalização, a nós imposta pela cultura indo-europeia, ocidental.

Portanto, evidencia-se a necessidade de negar à filosofia e produzir outras coisas, não é mesmo?

Outra armadilha.

Quais motivações podem querer abandonar, desistir, não disputar à filosofia?

Parece-me que o reconhecimento que disputar à filosofia é implicar-se na história da filosofia portanto, participar da

história ocidental. Este é o motivo mais comumente apresentado, que carrega consigo todos os riscos aqui implicados. Ou....Como se mudar o nome fosse mudar à natureza do fazer ou como se não disputar o espaço privilegiado de produção de conhecimento como é o espaço escolar, permitiria uma liberdade originária para bem gerir, alimentar, desenvolver estas outras epistemologias...

Disputar à filosofia implica numa estratégia arquitetônica de comprometimento histórico mundial. Comprometer-se com a história, porque comprometemo-nos com o outro. E afirmar à alteridade – que é exterioridade – é afirmar outras possibilidades de história para além do fatalismo ocidental. A hegemônica cultura ocidental impõe-se como fim da história. A única forma que percebo, de acabar com ela, é desde dentro. Implodi-la. Ainda que a aparência de sua crise atual possa mostrar o contrário. Balançada justamente pela afirmação das alteridades, como uma corda bamba, se não disputarmos os nós desta corda, ela acabará nos desfazendo quando tiver a possibilidade, jogando-nos a todos no penhasco da história no qual jogou centenas e milhares de culturas e povos. Desde a cultura indo-europeia, principal fonte da atual cultura ocidental, as crises de uma cultura hegemônica deste ethos, impostas desde fora, foram todas solucionadas com o fortalecimento do ethos indo-europeu, ocidental. É como que aquilo que desde a exterioridade que se afirma outro é sistematicamente incluído -eis o perigo e fatalidade da inclusão – e fortalece à totalidade etnológica, ampliando-a em vez de superá-la.

O contrário que efeito provocado por algumas filosofias de base semita, árabes e judias, no interior da história da filosofia. A discussão sincera, aberta e explicitamente contrária aos fundamentos da cultura indo-europeia e ocidental, inevitavelmente, expropriando as armas do opressor, o desarmou. Importante notar que o opressor que possui as armas e sem elas não podemos mudar à história. No máximo, poderíamos resistir por pequeno tempo, até que nos tomem tudo e nos matem. A comuna de Paris é simbolicamente e materialmente cara para este tema. Mas o extermínio dos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhas, das mulheres, LGBTQIA+... também... Muitas vezes aprendendo inclusive seu idioma. Estudando seus autores mais clássicos, utilizando-os contra eles mesmos. Opondo suas categorias filosóficas principais, com mesmo tipo de argumentação que as gerou, numa mesma lógica, mas outro sentido. Sentido subversor que mostra a ideologia e retórica do que era afirmado como lógica. Desfaz os fundamentos argumentativos, mostrando seus erros, equívocos. E então, mostrando-se e afirmando-se como alteridade. É uma saída de um ‘você que estão aí são opressores’, para um ‘Tu, vem aqui’. E saindo da abstração impessoal do ‘vós que nos oprimistes não queremos nada contigo’, para um ‘Tu está nos oprimindo e nós não somos como tu’. É um enfrentamento etnológico, que não diz: ‘você é opressor’, ontologicamente. Diz: ‘tu está nos oprimindo’. Há uma negação da ontologia e de uma temporalidade que na ontologia coloca a opressão como passado inevitável, ‘por que sempre foi assim’ para uma temporalidade do presente. Aliás, a filosofia, para a ontologia é só sobre o

passado. Não se pode filosofar sobre o presente, dado o não distanciamento necessário para o olhar trocista, que a tudo coisifica. E não para aqui. A afirmação: 'nós não somos como tu'. Este nós nunca ontológico, pois não pretende dizer quem somos enquanto nós. Categoria análoga, comunitária, que não quer se afirmar como algo que é, mas como o que está sendo, fluída, imprecisa, inevitavelmente equívoca, mas ao mesmo tempo que se sabe ética, pedagógica, erótica, estética, política, anti-fetichista, arquitetônica e psicanalítica...

Disputar à filosofia, à cultura, ao sistema de educação, ao Estado, às instituições sociais, à Economia Política, à estética... Não porque tenhamos a solução para a existência humana. Mas porque nós, que estamos sendo de outras formas, podemos num diálogo verdadeiro, sincero, desde a alteridade, propor formas de vida melhores para nós e para tu. Porque tu é nós. Nossa libertação é sua libertação. Estamos na mesma corda. Queiramos ou não. E a corda sempre está bamba. A saída do Eu egoísta e ateu da totalidade para um si, que percebe-se nú, frágil, outro, permite a posição de exterioridade necessária que movimentando o si ao outro, como serviço e nesta práxis de libertação junto ao outro, rompe-se à totalidade desde dentro, promovendo novas e outras formas de vida possíveis. Podendo tirar o vós de sua abstração e solidão coletiva, de uma classe social e cultura opressoras nas quais é cada pessoa que sofre as consequências de uma não-vida injusta e indigna, trazendo-os, queiram ou não, para um Tu que frente à interpelação da alteridade têm liberdade para escolher se se comprometem ou não

com ela, tornando-se nós, ou se retornam ao vós e sofrem a consequência de ver-se desmoronando na injustiça e na indignidade. E assim sofrem no agora, a corrupção originária do desmoronamento dos mais altos edifícios construídos para pequena parte da humanidade com os corpos e sangue da maioria das pessoas de nossa espécie.

A corda sempre bamba, por causa das diversas, frequentes, ainda que isoladas lutas dos nós, colocam vós em xeque-mate. Se aceitam assumir-se como nós, fortalecem e adiantam o processo. Se não aceitam, sofrerão à ruína de modelos de sociedades totalitários, opressores, excludentes, que se não erradicar à espécie humana, presenciará a revolta das alteridades.

A sobrevivência de nossa espécie depende necessariamente da aceitação, respeito e convivência da pluralidade. Depende de que nos reconheçamos como nós. E em respeito aos animais não humanos e ao Planeta possamos configurar tantas formas de vida quais forem possíveis de serem imaginadas. Estamos num momento crucial da humanidade, na construção de um novo período da civilização qual passou conscientemente por um perigo de auto extinção da espécie. Resta-nos saber se dará tempo da necessária conversão a outros caminhos possíveis, necessários e inevitáveis. Ninguém se liberta sozinho, ninguém liberta ninguém, nos libertamos em comunidade, mediatizados pelo mundo.